



Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap

RELIGIÃO E CULTURA URBANA NA TEOLOGIA DA SECULARIZAÇÃO DE HARVEY COX

Religion and urban culture from Harvey Cox secularization theology

José Batista Tadeu*

Emerson Silva**

RESUMO

O presente artigo visa a expor a relação estabelecida entre religião e cultura urbana na teologia da secularização do teólogo norte-americano Harvey Cox. A principal obra referenciada é: *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. A análise adotada quanto ao significado dos processos de secularização e urbanização da sociedade se deterá a compreensão tida pelo autor, frente ao embate entre religião cristã e Idade Moderna. Harvey Cox desenvolve a relação entre religião e cultura urbana, em torno do entendimento da fé cristã na *Tecnópolis*, termo utilizado por Cox para designar a cidade secular, refletindo teologicamente sobre os seus aspectos sociais e culturais em consonância com a fé bíblica.

PALAVRAS-CHAVE: Secularização. Urbanização. Teologia. Tecnópolis.

ABSTRACT

This article aims at exposing the established relationship between religion and urban culture in the theology of the secularization of the North American theologian Harvey Cox. The main work referenced is: *The city of man: secularization and urbanization in the theological perspective*. The analysis adopted regarding the meaning of the processes of secularization and urbanization of society will stop the understanding held by the author, facing the clash between Christian religion and modern age. Harvey Cox develops the relationship between religion and urban culture, around the understanding of the Christian faith in *Tecnópolis*, term used by Cox to designate the secular city, reflecting theologically on its social and cultural aspects in consonance with the biblical faith.

KEYWORDS: Secularization. Urbanization. Theology. Technopolis.

* Atualmente, é Professor Adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco e do programa de pós-graduação-mestrado e doutorado em ciências da religião. Possui Doutorado (2007) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Mestrado (1996) em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e graduação (1991) em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: Lévinas, ética, alteridade, hermenêutica e subjetividade.

** Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na linha de pesquisa: Tradições e Experiência Religiosas, Cultura e Sociedade, no eixo temático: Religião, Cultura e Sociedade. Graduando em Teologia pelo Instituto Aliança de Linguística, Teologia e Humanidades (IALTH). Graduado (2015) em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1 INTRODUÇÃO

Secularização e urbanização são temas que envolvem as mais variadas compreensões provenientes das ciências humanas. A teologia cristã, sobretudo nas suas formas abrangentes do século XX, elencou essas duas áreas como objeto de sua reflexão e produziu importantes contribuições no que diz respeito ao entendimento da fé em torno desses conceitos. Contribuições não restritas somente ao campo acadêmico, mas também do ponto de vista da ação pastoral. Teólogos, clérigos e religiosos como um todo passaram a buscar novos horizontes de vivência e atuação para a igreja cristã na sociedade moderna.

O fenômeno da secularização tem seu início a partir da idade moderna, embora suas raízes possam ser encontradas em cosmovisões religiosas e filosóficas bem anteriores. Ele consiste, em suma, na perda de espaço da religião na esfera pública, e em uma compreensão do direcionamento do mundo, da sociedade e da vida centralizada na racionalidade humana.

Sobre o tema da urbanização, entende-se que os primeiros indícios modernos deste fenômeno podem ser datados entre o início do século XVIII, momento de concentração dos grandes conglomerados humanos ao redor das indústrias. Já em fins do século XIX, nasce uma ciência por nome de “Urbanismo”, com a finalidade de estudar as transformações e os impactos sociais ocorridos nos espaços urbanos decorrentes da Revolução Industrial.

Importantes teólogos desenvolveram seus trabalhos sobre os temas da secularização e urbanização. No presente artigo, concentraremos nossas reflexões em um dos mais expressivos da tradição protestante do século XX: Harvey Cox, bem como em alguns dos seus principais interlocutores.

Harvey Gallagher Cox, Jr. é um teólogo norte americano, nascido em 19 de maio de 1929, em Malvern, Pensilvânia. No ano de 1957, tornou-se pastor da Igreja Batista e começou suas atividades como professor assistente na Andover Newton Theological School, em Massachusetts. Em 1965, lecionou na Harvard Divinity School, tornando-se professor dela em 1969.

Seu trabalho que mais ganhou visibilidade foi: *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Refere-se a uma abordagem teológica da

secularização e urbanização moderna, enfatizando seus principais pontos convergentes com a fé cristã.

Cox também salienta o papel da igreja cristã dentro do que ele entendeu como a *cidade secular*. O teólogo advoga em torno de uma práxis de fé direcionada a mudanças significativas dentro da esfera social e cultural. Nas próprias palavras do autor, em uma resenha do seu livro (já citado) feita vinte e cinco anos depois da publicação da sua obra: Deus é o Senhor da história por isso “pode ser tão presente no secular como nas esferas religiosas da vida” (COX, 2014, p.169).

Na primeira parte deste artigo, faremos um breve recorte teórico em torno do tema da secularização e urbanização na teologia cristã do século XX. Em seguida trataremos sobre a teologia da secularização de Harvey Cox expondo suas categorias de análise mais específicas.

2 UM LUGAR PARA A SECULARIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO NA TEOLOGIA CRISTÃ DO SÉCULO XX

Praticamente, todas as teologias decorrentes do pensamento teológico do século XX levaram em consideração o fenômeno da secularização moderna e seus desdobramentos, sobretudo no que diz respeito a uma nova perspectiva da ação da igreja na sociedade.

As publicações que surgiram em torno do tema da secularização, dividiam-se basicamente em duas compreensões: saber se a secularização é um fenômeno antagonista à fé, com a finalidade de subvertê-la; ou se é um evento inevitavelmente associado à religião cristã e totalmente consequente dela (GOGARTEN, 1966).

O entendimento comum entre os que se apropriaram do assunto é que o conceito de secularização carrega consigo a teoria weberiana sobre o desencantamento do mundo. Max Webber defende sua tese mediante dois processos de racionalização que ocasionaram este desencantamento: a racionalização religiosa, proveniente do entendimento judaico-cristão da natureza como obra criada por Deus, e por isso destituída da habitação de espíritos ou entidades ancestrais mágicas; e a racionalização legal, onde ocorre o processo de dessacralização do direito e o estabelecimento do Estado moderno

como fomentador e executor da lei. Compreensões subscritas à tensão existente entre modernidade cultural e religião (WEBER, 2006).

Três importantes autores se destacaram no tocante às percepções teológicas mais fundamentais em torno do debate sobre a secularização são estes: Romano Guardini, Friedrich Gogarten e Hans Blumenberg.

O mapa das interpretações parece completo: ilegitimidade da secularização como processo histórico anticristão (Guardini); no pólo oposto, legitimidade da secularização como processo histórico anticristão (Blumenberg); legitimidade cristã da secularização como processo histórico posto em ato pela fé cristã, mas, ao mesmo tempo, ilegitimidade do secularismo como degeneração da secularização (Gogarten) (GIBELLINE, 2012, p. 137).

Para Romano Guardini, a era secular defendia os frutos produzidos por Cristo, mas separados de sua origem, um “Cristianismo sem Cristo” (GUARDINI, 1964). A sociedade secularizada ressaltou os valores humanísticos produzidos por Jesus, no entanto sem acatar o conteúdo sobrenatural da Revelação. Ao tecer um breve comentário sobre o classicismo alemão¹, afirma ter ele um conceito de humanidade nobre e belo, mas destituído de sua fundamentação última “justamente porque recusa a Revelação embora viva dos seus efeitos” (GUARDINI, 1964, p. 125).

Em Hans Blumenberg (1920-1996) se encontra uma crítica mais radical em relação à “gênese” da modernidade. Blumenberg advoga a total exclusividade que se constitui este período. Em sua obra *A legitimidade da época moderna* produz uma crítica à categoria da secularização do filósofo Karl Löwith. Blumenberg afirma que a idade moderna não se constitui a partir de uma escatologia cristã secularizada (LÖWITH, 1991), mas, de um autêntico projeto existencial de “auto-afirmação-do-eu” (BLUMENBERG, 1983).

Já Friedrich Gogarten (1887-1967) é considerado um dos mais relevantes autores a tratar desta temática e um dos principais influenciadores do teólogo Harvey Cox. Pastor Luterano, atuou também como livre docente na Universidade de Jena em 1925 e, em Göttingen, em 1935, onde permaneceu até se aposentar. O trabalho teológico de Friedrich

¹Por classicismo alemão pode-se entender um momento de grande destaque de quatro principais nomes: Goethe, Schiller, Wieland e Herder. Tratava-se de um movimento que retomava os padrões artísticos e estéticos da Grécia Antiga, orientado por valores humanistas da segunda metade do século XVII e início do século XVIII.

Gogarten pode ser dividido em dois momentos: Teologia Dialética (1914-1937) e Teologia da Secularização (1948-1967).

No seu último momento se encontra a devida influência do teólogo luterano no pensamento de Harvey Cox. Os principais trabalhos de Gogarten sobre a tese teológica da secularização foram: *O anúncio de Jesus* (1948); *Destino e esperança da época moderna: a secularização como tema da teologia* (1953); *O homem entre Deus e o mundo*; *Jesus Cristo: virada do mundo* (1966) (GIBELLINE, 2002). O objetivo do teólogo é a reconciliação do mundo moderno com o cristianismo.

Friedrich Gogarten e Harvey Cox entendem a secularização como um processo legitimamente histórico, oriundo da própria fé cristã. A começar pelo processo de desencantamento do mundo resultante da cosmologia monoteísta judaica. Esta reorientou as compreensões pré-cristãs do cosmos, definindo-o agora como mundo “mundano” sob a responsabilidade humana. Segundo o teólogo italiano Rosino Gibelline:

Para a fé cristã, ao contrário, o mundo é criação de Deus e, portanto, não é de forma alguma realidade última e divina, que a tudo abarca, oprimindo o homem. A fé cristã põe em questão a totalidade do mundo que a tudo abrangeria, mas não no sentido de contraposição gnóstica, donde provém a angústia, o desespero e o ódio diante do mundo, e sim no sentido de desencantamento do mundo, de secularização do mundo (GIBELLINE, 2002, p. 131).

Diferentemente do secularismo, movimento entendido pelos autores dentro de uma perspectiva mais político-ideológica do que histórica, a secularização reforça o entendimento do homem como “senhor da criação”: Livre do mundo, autonomia entendida a partir do seu desprendimento como entidade mágica, e, ao mesmo tempo, livre para o mundo, designando sua responsabilidade na administração dele. Consiste, segundo Cox, na dupla responsabilidade do homem diante de Deus como filho e diante do mundo como seu vice-regente: “A secularização simplesmente contorna a religião e avança rumo a outras coisas” (COX, 1968, p.13)

Assim como a secularização, muitos teólogos se propuseram a refletir sobre o processo de urbanização e sua relação com a teologia cristã. Dois grandes nomes se destacaram dentro da tradição intelectual católica latino-americana: *Joseph Comblin* (1923-

2011) e *João Batista Libanio*² (1932-2014). Suas principais obras quanto a este tema foram: *Teologia da Cidade* (1991) e *As Lógicas da Cidade* (2002). Os dois autores entendem a cidade urbana em uma relação muito profunda com os seres humanos, onde eles se transformam a partir dela, e a transformam, em um exercício que pode ser compreendido dentro da fé cristã.

Por hora, deter-nos-emos nas compreensões em torno do teólogo Joseph Comblin devido a sua melhor afinidade com o pensamento de Harvey Cox.

Joseph Comblin é um padre Belga ordenado no ano de 1947. Estudou Ciências Biológicas, Filosofia e Teologia, doutorando-se na Faculdade de Teologia de Louvain de 1946-1950. Tornou-se um dos principais nomes da Teologia da Libertação devido à criação do método da *Teologia da Enxada* (1977), iniciado nos sertões nordestinos.

Seu método consistia na tentativa de conciliar o exercício especulativo da teologia com a práxis pastoral. A realidade dos leigos, na sua maioria agricultores do semiárido, era vivenciada e relacionada com as formulações teológicas da eclesiologia, liturgia, sacramentos, entre outras.

Herdou da Ação Católica Belga, movimento especializado na juventude operária católica que propunha novos olhares para o lugar da Igreja no seio da sociedade moderna, o método de *ver-julgar-agir*, do padre belga Joseph Cardijn, método bem presente em seus escritos.

Comblin compreende a cidade urbana como um fecundo objeto de reflexão teológica. A história bíblica caminharia, segundo ele, da vida do jardim para a cidade da Nova Jerusalém. Sobre a história dos hebreus, Comblin destaca que os momentos de fuga pelo deserto, que, para muitos, representavam um afastamento da cidade como modelo de aproximação de Deus, configura-se temporariamente entre os judeus. O povo de Israel adota a vida urbana, formando a cidade de Jerusalém, que, por vezes assumia valores da Nova Jerusalém celestial (Is 26.1-6)³ e por vezes se afastava (Is 25.2; 26.5).

Para o teólogo, a cidade é um dos lugares centrais da Revelação divina. Seu caráter confere uma compreensão dialética, pedagógica e tipológica dentro da teologia cristã.

²Padre Jesuíta, escritor e teólogo brasileiro falecido no ano de 2014. Fez seus estudos em Teologia, Filosofia e Letras neolatinas. Foi professor de Filosofia e Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

³A referência bíblica diz respeito ao livro do Profeta Isaías, capítulo de número vinte e seis e versículos de um a seis.

Segundo o teólogo José Almir Costa, essas compreensões podem ser percebidas nas tensões suscitadas na aproximação dos israelitas da cidade de Jerusalém e da cidade da Babilônia:

A dialética da economia divina no dinamismo da cidade concentra-se nas tensões ambíguas campo-cidade e Babilônia, símbolo do mal, e Jerusalém, símbolo da Revelação. A pedagogia da economia divina no dinamismo da cidade, aproxima campo-cidade, cidade babilônica e cidade de Jerusalém, a partir do olhar pedagógico de Deus. Deus tem uma pedagogia para se revelar e se utiliza das etapas do campo e da cidade, da cidade terrena à cidade celeste. A tipologia da economia no dinamismo da cidade lança novo olhar para a realidade, de forma que, o campo e a cidade nem têm valor exclusivamente pela tensão, nem simplesmente como valor de mediação, como assim interpreta a pedagogia, mas o campo e a cidade são vistos com seu valor tipológico. Um presente cheio de Deus que faz entrever escatologicamente uma nova cidade (COSTA, 2015, p. 36).

Muitos outros autores propuseram compreensões bastante importantes em torno da secularização e urbanização. Os que aqui foram abordados estabelecem certo diálogo com o pensamento do principal autor estudado neste artigo. Feita estas considerações passar-se-á ao entendimento do próprio Harvey Cox quanto aos temas abordados.

3 SECULARIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO NO PENSAMENTO DE HARVEY COX

Os conceitos de secularização e urbanização aparecem na obra *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*⁴, fundidos no neologismo *Tecnópolis*, termo que consiste na definição da “Cidade Secular”, uma nova forma de agrupamento dos indivíduos no meio urbano demarcada pela alta mobilidade, concentração econômica e comunicação de massa.

3.1 A teologia bíblica da secularização

⁴ A presente edição foi republicada pela editora Academia Cristã com o título: **A Cidade Secular: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica**. Tradutor: Jovelino Pereira. São Paulo: Academia Cristã, 2015.

Segundo Cox, é pertinente fazer uma distinção entre secularização e secularismo. O primeiro tem suas bases radicadas na tradição judaico-cristã. Afirma-se inclusive, por parte de muitos historiadores da religião, que só com o surgimento da fé bíblica é que as dimensões mágicas do mundo foram colocadas verdadeiramente em xeque, fenômeno elementar decorrente das primeiras formas de secularização. A presente diferenciação é entendida da seguinte forma:

Enquanto a secularização tem suas raízes na própria fé bíblica e é, de certa forma, um resultado autêntico do impacto da fé bíblica sobre a história ocidental, o mesmo não se dá com o secularismo. Aqui temos um ismo fechado. Este ameaça a abertura e a liberdade que a secularização produziu; deve, portanto, ser vigiado cuidadosamente para evitar que se transforme na ideologia de um novo estabelecimento. Deve-se procurar ver, de um modo especial, onde o mesmo finge não ser uma visão de mundo, mas não obstante, procurar impor sua ideologia através dos órgãos do Estado (COX, 1968, p. 31).

Dessa forma, a secularização consiste em um processo histórico de racionalidade dos modos de vida em sociedade. A realidade como um todo passa a ser entendida sob outros aspectos, divergente das concepções míticas e metafísicas do mundo. Enquanto o secularismo refere-se a uma ideologia com vistas a um esvaziamento do religioso em toda sociedade. Há um caráter instrumental através das instituições sociais de promoção a uma cultura não religiosa, associando a à ideia de subordinação completa ao poder secular⁵.

Para Harvey Cox, os elementos presentes na tradição bíblica referentes ao processo de secularização são estes: *A criação como desencantamento do mundo*; *O Êxodo como a dessacralização da política* e *O Pacto do Sinai como a desconsagração de valores*. Vejamos cada um deles.

O homem pré-secular possui uma considerável sinergia com a natureza. Mais do que apenas uma dimensão religiosa, as crenças animistas dos primeiros povos constituem-se como uma visão de mundo, onde tudo ao seu redor era permeado por vida. As relações mágicas estabelecidas com as florestas encantadas e os bosques guardados pelos espíritos não só revelam a inserção do homem em seu meio, mas também o incurso de todos os

⁵Em síntese, o secularismo consiste na tentativa de impor uma visão de mundo totalmente afastada da religião. Para a avaliação deste processo como um mito político e social ver: MADAN, T.N. *Secularism in its place. The Journal of Asian Studies*. v. 46, n.4, p. 747-759, 1987.

seres existentes em seu clã. O totemismo é uma exata expressão desta concepção, onde as criaturas do mundo natural são incorporadas na estrutura familiar da tribo (RADCLIFFE-BROWN, 1973; DURKHEIM, 2000).

A narrativa da criação no Gênesis, em seu registro da natureza como obra criada por Deus, “desencanta” as antigas noções que entendiam o sol, a lua e as estrelas como seres semidivinos, participantes das divindades dos próprios deuses ou ligados em uma relação de parentesco com os seres humanos. A ideia de Deus como Criador e do homem como aquele que domina sobre toda criação dilui as concepções mágicas das sociedades primitivas desenvolvendo uma concepção mais racionalizada do mundo.

Para Cox o processo de desencantamento do mundo tem uma nítida ligação com o desenvolvimento da urbanização moderna:

Este desencantamento do mundo natural provê uma pré-condição absoluta para o desenvolvimento da ciência natural. Admitindo-se que a cidade técnica de hoje não teria sido possível sem a ciência moderna, o desencantamento passa também a ser uma pré-condição essencial para a urbanização moderna (COX, 1968, p.34).

O Êxodo como dessacralização política aponta para uma nova forma da ação da divindade. Outrora manifesta na natureza, em torno dos ventos, chuvas e tempestades, a ideia da possibilidade da intervenção de Deus na história direciona um novo entendimento do caráter de Deus. Agora a sua vontade está de alguma forma vinculada às estruturas sociais existentes, e à libertação da nação de Israel da liderança político-religiosa de Faraó parece transferir o domínio político humano, marcado pela ordem dos reis legitimados religiosamente, para uma “liderança política baseada no poder conseguido pela capacidade de cumprir objetivos sociais específicos” (COX, 1968, p. 36).

O Pacto do Sinai, por sua vez, diz respeito à relativização dos valores. A ordenança prevista em Êxodo 20. 4: “Não farás para ti imagem de escultura”, incide na proibição de qualquer reprodução da divindade por parte do homem. No mundo antigo, os sistemas de valores éticos estavam ligados aos deuses. A proibição relativiza a tradição ética vigente, rebaixando os ídolos, pois Jeová não poderia ser produzido. Segundo Harvey Cox:

A bíblia não nega a realidade dos deuses e dos seus valores, simplesmente os relativiza. Aceita-os como projeções humanas, como “obra da mão do

homem”, e neste sentido se avizinha muito das ciências sociais modernas. Era porque acreditavam em Jeová que, para os hebreus, todos os valores humanos e suas representações eram relativizados (COX, 1968, p. 43).

Sobre esses aspectos, o teólogo Harvey Cox entende a secularização como um fenômeno positivo, tanto para a religião cristã como para a cultura ocidental. Os processos de desencantamento da natureza, dessacralização da política e dos valores, representam uma abertura pluralista na sociedade moderna capaz de coadunar diferentes perspectivas de mundo. A secularização entrega aos homens a capacidade de se autogerirem, buscarem consenso para as suas perspectivas no tocante à ética, à política e à religião. Longe de culminar em um niilismo ou subjetivismo irresponsável, a secularização, minando as antigas bases de convicções estabelecidas pelas culturas pré-secularizadas, assenta outras, pautadas no diálogo e na interação dos indivíduos, com vistas sempre à dignidade humana e à integração social dos cidadãos.

A urbanização, ou mais especificamente, o conceito utilizado por Cox para se referir à cidade secular: *Tecnópolis*, trará aos cristãos novos desafios no que diz respeito ao seu discurso sobre Deus. Em seguida, apresentar-se-á o surgimento da tecnópolis, ou cidade secular, bem como a congruência bíblica dos seus aspectos sociais e culturais.

3.2 A Tecnópolis: da cidade tribal à cidade secular

Harvey Cox traça um breve panorama histórico da emergência da Tecnópolis ou cidade secular, frente a outras duas formas anteriores de convívio humano: *a tribo*, *a cidade pequena* ou *pólis*. As três formas ensejadas não estão em uma ordem de transição crescente, que implica uma total ruptura de um estágio para o outro, e muito menos se referem à ideia de um desenvolvimento civilizatório, mas demarcam de uma maneira geral, as formas que se organizavam determinadas comunidades de indivíduos em relação aos seus aspectos religiosos e socioeconômicos.

Sobre a forma social da tribo, Cox ressalta sua principal característica: os laços consanguíneos de parentesco, que representam a principal forma de organização dos povos, desde os aspectos relacionados à vida cotidiana às relações de culto, marcadas pela devoção à ancestralidade. As sociedades tribais são oclusas e fechadas com quase nenhum

contato para fora de si. Os seres humanos, a natureza e os deuses estão intimamente relacionados em uma relação vital de conexões mágicas e míticas⁶.

A cidade pequena ou pólis caracteriza-se com “uma forma de associação mais impessoal e racionalizada” (COX, 1968, p. 22). Os laços ancestrais são dissolvidos frente às leis cívicas que inauguram um novo estágio da convivência humana. Se na cidade tribal o único meio de pertencimento dava-se pela relação parental, na pólis há um lugar de cidadania para os estrangeiros.

A cidade pequena é mais que um simples estágio transitório entre a tribo e a tecnopólis, ela é o berço do processo de racionalização destacado por Max Weber. Ela inaugura a metrópole tecnológica, onde o “domínio da religião tradicional dilui frente ao que se entende como estilo secular” (COX, 1968, p.15).

A tecnopólis caracteriza-se como o espaço de concentração urbana demarcada pelo declínio do controle religioso e metafísico das ações humanas. Consiste na separação entre a racionalidade religiosa e a racionalidade histórica. Os horizontes interpretativos na cidade secular estão todos subjugados à análise sobre este mundo sem relação com transcendência. Para Cox, duas das principais características da cidade secular são o pluralismo e a tolerância religiosa: “Representam a indisposição de uma sociedade de impor qualquer concepção particular do mundo aos seus cidadãos” (COX, 1968, p.14).

Cada uma das três formas de sociedade é marcada pela sua *manière d’être* -termo francês utilizado por Cox para falar da “maneira de ser”- de cada uma delas. Respectivamente, cada sociedade apresentada representa os seguintes aspectos: o mítico, o ontológico e o funcional.

No mítico, o ser humano se funde com suas realidades em uma dimensão mágica de significação. No ontológico, há o rompimento essencial entre o homem e essa realidade, no qual se passará a buscar a “essência das coisas”, uma “substancialização” das realidades analisadas pelo homem. E no funcional, modelo da tecnopólis, a reflexão se dará no âmbito do “funcionamento” da vida humana. As realidades humanas tornam-se realidades a serem feitas (COX, 1968).

⁶Diversos estudos têm-se realizado em torno das sociedades tribais. Para uma importante compreensão de alguns conceitos pertinentes a este período ver: MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência y religión**. Traducción Antón Pérez Ramos. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

3.3 Anonimato e mobilidade: a congruência bíblica dos aspectos sociais da cidade secular

Dois elementos são característicos dos aspectos sociais da tecnopólis: o *anonimato* e a *mobilidade*. Para Cox: “o anonimato e a mobilidade contribuem para o sustento da vida humana na cidade” (COX, 1968, p.50). Com a concentração das pessoas na metrópole as relações humanas tornaram-se mais seletas e intragrupoais, quase sempre revestidas de anonimato e em função da mobilidade dos indivíduos.

Por anonimato se entendem as relações na metrópole que se tornaram despersonalizadas, inclusas na distinção do homem urbano entre privadas e públicas. Algo que representa uma nova categorização de sua relação com as pessoas, pautadas agora não em laços de parentesco ou de intimidade, mas em função do serviço que pode prestar e que delas usufrui. É o que Cox afirma quando o “leiteiro”, “o agente de seguro” e o “o lixeiro” eram antes, em seu tempo de criança: “Paul Weaver”, “Joe Villanova” e “Roxy Barazano” (COX, 1968, p. 55).

A relação não é pautada em termos de desumanização, mas não se confere o status mais íntimo e pessoal encontrado nas outras formas de sociedade. Segundo o autor:

O ponto importante aqui é o fato de que minhas relações com os bancários e os mecânicos não são menos humanas ou autênticas simplesmente porque todos preferimos mantê-las anônimas. E é aqui que muitas das análises teológicas da urbanização se desviam (COX, 1968, p.55).

Abordar a resistência à ampla vida comunitária do cidadão urbano em termos de uma patologia social ou individualismo egocêntrico seria confundir os conceitos de *ethos* pré-urbano e *koinonia* cristã. Cox argumenta que a seleção feita pelo homem secular de suas amizades, além de ser uma tentativa contra a desumanização da existência pela funcionalidade exacerbada da vida pública lhe permite ter mais tempo e energia na relação com eles. Com isso, as poucas pessoas residentes em seu ciclo de amizades serão alvo de uma relação bem mais intensa e fecunda. Para o teólogo, o anonimato característico da cidade secular tem incursões significativas no binômio teológico: Lei e Evangelho.

A relação é empregada a partir do senso libertador contido nos Evangelhos, que possibilita ao homem uma ação livre, liberta das forças e estruturas da Lei. Nessa perspectiva, o homem se caracteriza como um ser capaz de escolhas não mais demarcadas

por estruturas culturais, mas pautadas em um direcionamento competente em relação ao seu próximo: “O homem que caiu nas mãos dos salteadores não era o vizinho do samaritano, mas ele o ajudou de maneira eficiente e sem sentimentalismo”. (COX, 1968, p. 57).

Para Cox, um possível entendimento da filosofia da relação de Martin Buber do “Eu e Tu”⁷, tradicionalmente aceito na teologia moderna, pautada em uma relação mais interpessoal entre as pessoas, não precisa ser a única forma concebida pelo cristão. Não se pode relegar ao plano do “Eu-Isto” qualquer relação de natureza não pessoal, subsumidas aos moldes de uma cultura pré-urbana. Ao invés disso, Cox aponta para uma teologia da relação “Eu-Você”. Para ele, tal relação:

Incluiria todos estes relacionamentos públicos que tanto apreciamos na grande cidade, mas que não permitirmos que se transforme em privados. Tais contatos podem ser decididamente humanos, mesmo permanecendo um tanto distante. [...] O desenvolvimento de uma teologia Eu-Você clarificaria grandemente as possibilidades humanas da vida urbana, e ajudaria a sustar a tentativa de atrair as pessoas urbanas a uma volta à convivência pré-urbana, com a bandeira da salvação da sua alma (COX, 1968, p.61).

Sobre a mobilidade, o autor afirma ser a cidade moderna um movimento de massas. A industrialização intensificou a migração de pessoas, quer sejam do campo para a cidade; no interior da própria cidade, através do transporte urbano; ou de uma cidade para outra. A própria tecnopólis consiste em uma cidade de estradas, ligando entre si seus principais pontos.

Harvey Cox, afirma ser esta uma condição intrinsecamente relacionada à mudança social. Seja no aspecto econômico ou cultural, a mobilidade confere certo intercâmbio entre os indivíduos que transitam entre posições sociais e culturais distintas, permitindo que diversos números de pessoas participem do poder e de certos benefícios da sociedade, permeando quase sempre a quebra do *status quo*, tão apreciado pelos críticos da mobilidade urbana.

⁷Ver: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

A teologia construída a partir da noção de mobilidade urbana terá sua principal ênfase nas concepções de fé do Antigo Testamento, onde a crença no Deus Javista emerge no contexto social de um povo nômade. A fé bíblica apresenta como uma das características básicas de Jeová a sua mobilidade como Senhor da história e do tempo. As conquistas de Canaã e suas disputas religiosas, bem como a Arca do Pacto, são para Harvey Cox expressões evidentes dessa fé em movimento caracterizada pela despacialização da divindade.

Uma das evidências da mobilidade de Jeová é a Arca do Pacto [...], Ao contrário dos baalim, não era estacionária. E, o que era ainda mais importante, quando a arca foi finalmente capturada pelos filisteus, os hebreus começaram a entender que Jeová não estava localizado nela. A captura da Arca os preparou para a eventual destruição do templo e para a perda da sua pátria. Todo este movimento histórico, pelo qual Jeová foi desvestido de espacialidade, tem uma enorme significação teológica. Significou que Jeová não poderia ser localizado em nenhum lugar geográfico determinado. Ele viajava com o seu povo e por toda parte (COX, 1968, p. 68-9).

A fé israelita era revelada nos aspectos de mobilidade dos seus principais eventos políticos e militares. Ele afirma que, na Conquista de Canaã, foram os agricultores e as elites governamentais que mais se inclinaram à possibilidade do abandono da fé em Jeová em função da crença nos baalim, divindades responsáveis por possuir determinadas cidades e lugares específicos em Canaã.

O autor também chama atenção para a crença cristã, no que diz respeito a uma de suas designações primitivas: “O Povo do Caminho”. O fato encontrado nos evangelhos onde Jesus Cristo promete a destruição do templo de Jerusalém, cuja existência incidia muito especificamente na estatização de lugares sagrados, cridos como locais onde Deus residia; assim como o fato dos cristãos entenderem que eram “peregrinos” nesta terra, demonstram o quanto da ideia de mobilidade faz parte da religião cristã.

3.4 Pragmatismo e profanidade: a congruência bíblica dos aspectos culturais da cidade secular

Dois aspectos culturais são característicos da tecnopólis: o *pragmatismo* e a *profanidade*. Termos que serão trabalhados pelo autor tendo em vista sua significação original.

Por pragmatismo pode-se entender as relações existentes no mundo dos homens pautadas por certo âmbito funcional. O homem tecnopolitano não é dado a mistérios, nem muito menos a justificações metafísicas de suas realidades, antes sua preocupação se dá sobre o funcionamento destas realidades e nos possíveis resultados decorrentes de suas realizações: “O mundo não é visto como um sistema metafísico unificado, mas como uma série de problemas e projetos” (COX, 1968, p. 74).

Por profanidade pode-se entender toda a vivência humana desvincilhada de qualquer realidade supramundana normalmente entendida como religiosa. Seus objetos de análise bem como sua prática interpretativa estão totalmente alocados neste mundo, sem nenhuma relação com a transcendência.

Tais aspectos conferem certos obstáculos à visão de alguns teólogos. O desinteresse do homem secular pelo Mistério, pelas justificações metafísicas em relação a sua vida, envolvendo as crenças religiosas, evidencia para muitos a necessidade de uma dessecularização e desurbanização do homem como tarefa da teologia e da pregação cristã.

Para Cox, esses dois aspectos terão uma conotação diferente, o autor compreende em relação ao cidadão da tecnopólis que “seu próprio pragmatismo e sua profanidade capacitam-no a discernir certos elementos do Evangelho, ocultos aos seus antepassados religiosos” (COX, 1968, p.64).

O pragmatismo experienciado na tecnopólis direciona o homem aos aspectos mais práticos da vida. Com isso, o autor não deseja estreitar a ideia de *utilidade* aos propósitos que determinado grupo ou nação consideram importantes, mas sim alargar as perspectivas relacionadas aos projetos humanos com vistas em uma melhor e mais abrangente consecução deles.

Cox referencia em seu trabalho as ideias de um importante teólogo holandês ainda desconhecido no mundo de língua inglesa: *Cornelis Anthonie (Kess) van Peursen*. As abordagens de Peursen, concernentes à tese do pragmatismo e sua interpretação teológica, estão contidas nas obras: “*Man and Reality: the History of Human Thought*” – *The*

Student Word, LVI (Primeiro trimestre de 1963) pág 13e “The Concept of Truth in the Modern University”- *The Student Word*, LVI (Quarto trimestre de 1963) pág 350. Cox vale-se das concepções funcionais compreendidas por Peursen sobre a cidade secular.

A indisposição do homem urbano, as concepções ontológicas de suas vivências têm para o teólogo holandês uma relação com a fé de Israel, sempre entendida e testemunhada pelo judeu em termos de uma funcionalidade com o seu Senhor:

O veredicto de van Peursen não devia nos surpreender. Os judeus não tinham nenhum talento para a ontologia. O israelita comum do Velho Testamento, se perguntando sobre Jeová, nunca responderia em termos de categorias metafísicas – onisciência, onipresença e outras. Diria ao seu interlocutor o que Jeová fizera: tirou-o da terra do Egito, da casa da servidão. Êste é um modo funcional, e nunca ontológico, de falar e de conceituar (COX, 1968, p. 79).

No Novo Testamento, Cox trabalha com a figura de Jesus, e sua afirmação sobre ser a “verdade”. O termo grego para “verdade” é *aletheia*, que aparece constantemente nos Evangelhos em um contexto de “prática” e não de disputas metafísicas.

Sobre a profanidade, Cox não a situa dentro das perspectivas secularistas do mundo, mas a compreende em função do ser humano como fonte de significação da criação. Desvencilhar o homem das concepções religiosas e metafísicas do universo não implica sua autoafirmação em detrimento a ideia de Deus, mas o chama a responsabilidade frente à obra de Jeová.

Trata-se de compreender o indivíduo em sua cooperação com Deus em relação às realidades criadas. O teólogo utiliza o texto do Gênesis 2.4-24 na tentativa de demonstrar esta cooperação na nomeação dos animais por Adão: “A passagem indica que o homem tem um papel crucial a desempenhar na criação do mundo” (COX, 1968, p.87).

Relacionando este texto com o de Gênesis 1.28, que fala sobre o domínio do homem concernente a tudo que foi criado, Cox entende ser o homem o responsável por significar o mundo. A aculturação da fé às noções gregas do homem e do universo ocultou certas compreensões elementares da religião do antigo testamento. Dentre elas, está este dinamismo humano na significação do mundo. As teorias das ideias provenientes de Platão e Aristóteles, incorporadas pela tradição cristã, fez com que os cristãos entendessem o

significado do mundo anterior a ele (*ante res*) ou nele (*in res*). O homem conseqüentemente se torna a partir daí um ser passível.

A cultura da tecnopólis é funcional, teleológica. Todas as suas características sociais e culturais são analisadas pelo autor em suas consideráveis importâncias no que diz respeito à estruturação cultural da cidade secular e enquanto estrutura bíblico-teológica de reflexão. Tal característica habilita o homem a um exercício de espiritualidade desprovido de abstrações e centralizado em uma práxis mais significativa em relação à fé bíblica.

4 CONCLUSÃO

A Problemática da secularização e urbanização moveu as investigações e reflexões de pensadores das ciências humanas, sociais e teologia. Interessou-lhes, sobretudo, saber qual a forma de relação desses fenômenos com a teologia cristã. A tentativa de entender os novos rumos da religião cristã frente aos paradigmas culturais ensejados pela modernidade fez com que muitos teólogos considerassem o novo clima cultural emergente, elencando-o às suas reflexões sobre a teologia cristã.

A interação entre os conteúdos da fé e o pensamento moderno resultou em inúmeras teologias dentro do campo cristão, que ainda hoje transitam em torno dos mais variados assuntos oriundos do embate entre fé e razão, especificamente gerados com a idade moderna.

Muito se produziu em torno da teoria da secularização em suas mais variadas formas de expressão, até suas revisões, concernente à ideia do desaparecimento da religião da sociedade. Harvey Cox protagonizou uma empreitada satisfatória na conjunção das categorias da teologia cristã com as do pensamento secular. Nessa mesma perspectiva também deram contribuições significativas os teólogos brasileiros Joseph Comblin e João Batista Libânio. Longe de se caracterizarem como obstáculos à expressão da fé em uma cultura urbana, os aspectos sociais e culturais da tecnopólis são entendidos em conexão com a fé bíblica.

Harvey Cox conclui, portanto, que o aparecimento da cidade secular não implica necessariamente a eclosão da religião cristã presente em toda a história do Ocidente, mas

apenas em um novo horizonte interpretativo para esta. Não se faz necessário dessecularizar e desurbanizar o homem metropolitano para que ele compreenda alguns dos mais elementares conceitos da sua fé relacionados com a cultura secularizada da metrópole.

A relação entre religião cristã e cultura urbana fora exposta pelo autor, tendo em vista a centralidade do papel do ser humano como agente cooperador de Deus. A interação entre fé e urbanização na teologia da secularização de Harvey Cox não pretende esvaziar o sagrado da sua transcendência, mas postula que a compreensão do mundo onde o fiel anuncia sua mensagem encontre um espaço, mais efetivo na teologia e na vida da igreja.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 896p.

BLUMENBERG, Hans. *The Legitimacy of the Modern Age*. Tradução de Robert M. Wallace. Cambridge: The MIT Press, 1983.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

COMBLIN, José. *Teologia da Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Teologia da Enxada*. Petrópolis: Vozes, 1977.

COSTA, José Almir da. *Vida cristã na cidade: perspectivas de Comblin e Libanio*. 2015. 131p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. 2015.

COX, Harvey Gallagher. *A Cidade do Homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Tradução: Jovelino Pereira Ramos e Myra Ramos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

_____. *A Cidade Secular: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Tradutor: Jovelino Pereira. São Paulo: Academia Cristã, 2015.

_____. *A Cidade Secular: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. São Paulo: Academia Cristã, 2015. Resenha de: COX, Harvey Gallagher. *A Cidade Secular 25 Anos Depois*. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v.8, n.13, p.167-184, 2014.

DURKHEIM, Émile. *As Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GOGARTEN, Friedrich. *Verhangnis und Hoffnung der Neuzeit: Die Sakularisierung als theologisches Problem*. Munique: Siebenstern, 1966.

GUARDINI, Romano. *O fim dos tempos modernos*. Tradução: M.S Lourenço. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1964.

LIBANIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2002.

LÖWITH, Karl. *O Sentido da História*. Tradução: Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70. 1991.

MADAN, T.N. Secularism in its place. *The Journal of Asian Studies*. v. 46, n.4, p. 747-759, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência y religión*. Traducción António Perez Ramos. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2006.